

GUASQUERÍA: ARTESANATO EM COURO CRU EM JAGUARÃO-RS

JULIANA PORTO MACHADO¹; RONALDO BERNARDINO COLVERO³

¹*Universidade Federal de Pelotas –julianamachado209@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas -orientador-rbcolvero@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPel) e tem como objeto de estudo o artesanato guasquería, compreendendo a produção e reprodução dessa prática artesanal em couro cru, verificando como os guasqueiros aprenderam suas técnicas e criam suas obras, buscando também, os motivos que levaram esses sujeitos sociais a produzirem guasquería. Para assim, podermos identificar se o artefato em couro (guasquería) influencia na formação e afirmação das identidades dos guasqueiros.

A guasquería, é um ofício manual em que seus produtores criam peças em couro cru, utilizando principalmente a técnica de tentos¹. De acordo com Flores (1960) o guasqueiro deve aprender a tirar um tento para seguir no ofício, para ele essa fase é muito importante pois é a partir do tento que se inicia o processo de elaboração da obra.

Segue uma estrutura dorsal que se apresenta como: a obtenção da matéria-prima (o couro-cru animal, principalmente de bovinos) inicialmente através da chamada carneada, o estaquear o couro para secar ao sol, o lonquear de retirar os pelos da pele, o cortar as guascas (tiras de couro), o sovar as guascas para amaciar e por fim tirar os tentos (as tiras de couro de diferentes espessuras) para assim produzir as tranças. Esse processo é o elemento destacado por muitos sujeitos ao considerarem o porquê de se identificarem guasqueiros, assunto tratado mais adiante.

Etimologicamente a origem do termo guasquería é derivada da palavra espanhola huasca originária do dialeto quéchua² de origem inca, significando tira de couro (DLE, 2017). Essa manifestação cultural está fortemente relacionada com o trabalho no campo com a figura do peão. A introdução do gado vacum no Brasil e em outros países da América latina através dos conquistadores europeus, principalmente os espanhóis e portugueses no século XV, de acordo com alvares (2014) marcam o que seria o surgimento da guasquería.

Já no século XVIII as fazendas ganham espaço e o gado passa a ser domesticado. Surgindo assim a necessidade de instrumentos equestres para auxiliar no manejo desses animais, principalmente para o peão que cuidava da atividade campeira. Por conseguinte, de acordo com Garcia (2009), com o abate dos animais para a comercialização de carne, o couro começa a ser utilizado para atender essa necessidade de objetos equestres quando os peões começam a criar cordas, freios, boleadeiras, rebenques e outros aparatos em couro-cru.

Para Flores (1960) o peão dedicava-se ao processo de produção de guascas principalmente em dias de chuvas quando não era possível trabalhar no

¹ 1 A técnica de tentos de acordo com Flores (1960) pode ser definida como a utilização de tiras finas de couro utilizadas para fazer trançados.

² Língua ameríndia utilizada pelos antigos quéchua, tribo indígena localizada no território do atual país do Perú (DLE, 2017).

campo, assim permanecia no galpão consertando suas cordas. Assim surge o guasqueiro.

Na campanha sempre existiram os guasqueiros, os homens que do couro cru fazem verdadeiras obras-primas nas tranças, nos passadores, nos botões de tento fino e em muitos trabalhos que exigem muita paciência, muito boa memória para saber resolver de cor os intrincados da trama dos tentos, que é um verdadeiro quebra-cabeça. (NUNES 1982 apud ALVARES, 2014, p. 17).

Então o guasqueiro seria esse sujeito que cria manualmente novos objetos e/ou conserta objetos de uso cotidiano do trabalho do campo. Dominando o saber fazer de um ofício, para desenvolver suas próprias técnicas. A guasquería está ligada ao serviço do peão, as peças então são instrumentos de montaria, em uma sociedade em que a produção econômica forte é a pecuária (NUNES, 1982). A partir de então no século XIX o guasqueiro torna-se um profissional necessário nas grandes fazendas, agora já é reconhecido e contratado especificamente para realizar essa prática artesanal (ALVARES, 2014). Já no século final do século o guasqueiro passa a ser menos requisitado, pois com as reviravoltas da sociedade econômica, no período da Revolução Industrial, no RS a pecuária e a agricultura não são mais a única forma de produção já que as atividades fabris surgem.

2. METODOLOGIA

A pesquisa teve como público alvo 08 guasqueiros da cidade de Jaguarão. Os mesmos se destacam por serem especialistas em alguma técnica de trabalhar o couro, menciona-se esse fato devido ao mapeamento prévio realizado para encontrar esses sujeitos. Eles foram indicados, por guasqueiro que conhecia outro guasqueiro e assim tornou-se possível realizar-se uma aproximação para compreender a produção de guasquería. Utilizou-se a pesquisa qualitativa, para buscar e considerar as razões, os motivos, os valores e os fenômenos. Em uma realidade concretizada e criada a partir de fenômenos da sociedade. Em que se permite observar os fatos e as ações quando estão acontecendo.

Utilizando como veículo de coleta de dados a entrevista semiestruturada baseada em alguns tópicos como: (a) as necessidades e motivações que fizeram com que esses sujeitos sociais se dedicassem a essa prática (b) a descrição do processo de aprendizagem do saber-fazer guasquería; (c) a narrativa da história pessoal e da relação com o espaço rural e urbano; (d) a valoração do fazer guasquería do ponto de vista do guasqueiro; e (f) como essa produção artesanal influencia na identidade desses sujeitos no que tange a diferenciação de ser guasqueiro ou artesão. Logo, a entrevista semiestruturada tem como finalidade desenvolver a compreensão do contexto que rodeia e influência nas ações do pesquisado. Possibilitando uma interação livre entre pesquisador e pesquisado ao não utilizar um questionário fechado, assim podendo acrescentar novas perguntas no decorrer da entrevista, que possam surgir em meio a troca de informações.

Utilizou ainda para a coleta de dados o uso da fotografia e da gravação de áudio, pois, como Macdougall (2006) declara que o uso da fotografia permite ao pesquisador aguçar o seu olhar, percebendo as diferenças e similitudes entre sua cultura e a do outro retratada. Já que, “vemos a vida dos outros através das lentes que nós próprios polimos e que os outros nos vêem através das deles” (GEERTZ, 2001, p. 66).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao perguntar ao senhor M.T (2016) sobre ser artesão ou guasqueiro, esse observou surpreso e rapidamente disse “sou artesão” (M.T, 2016). Esse

comentário apressado foi justificado pelo simples fato de possuir uma carteira de artesão, disponibilizada pela prefeitura da cidade. Pois, em dado momento ele esclareceu “antes eu era guasqueiro”. Mas então, ele pessoalmente reconhecia-se como guasqueiro, porém “eles não dizem guasqueiro quando se vai fazer a carteira, aí não sei dizer pode ser guasqueiro, pode ser, acho que guasqueiro e artesão, os dois” (M.T, 2016). Então fica claro em sua fala a dúvida de como se identificar, sendo que ele ponderou sobre como se referia antes de possuir um documento que o classifica em seu ofício. Uma vez que define como guasqueiro “trabalhar o couro cru, estaquear e lonquear para fazer as cordas” (M.T, 2016), algo que destaca que ainda realiza.

Dessa forma, por possuirmos identidades M.T (2016) pode se reconhecer como artesão, por causa da carteira e também pode ser guasqueiro, devido a forma que trabalha o couro cru. Como ressaltou Dubar (2005), a identidade de um sujeito está sempre em um processo de reinterpretação. A sociedade está relacionada a identidade do artesão e de sua obra, e interfere nas relações de produção, execução e circulação do artesanato. Nesse processo de interpretações de identidades, o senhor J.M (2016) “acredita que a ideia de artesão é uma criação moderna, algo que ele não se identifica. Pois, categoricamente afirma sou guasqueiro, é minha profissão”, não importa se está aposentado, esse ofício faz parte de sua vida. Para ele, por ser atual a concepção de artesão, essa só se igual a guasqueiro porque também faz objetos manualmente (J.M, 2016). Nesse caso a alteridade entre guasqueiro e artesão, faz com esse sujeito se auto legitime como guasqueiro.

Já ao questionar o senhor P.P (2016), este elucidou categoricamente que é guasqueiro, devido a trabalhar com matéria prima natural, o couro cru em seu estado não tratado (com pêlos). Menciona que é diferente do sujeito que produz com couro branco industrializado, uma matéria-prima que considera ruim. Além dessa distinção entre a matéria-prima, simplesmente não “lhe agrada” (P.P, 2016) o termo artesão. Nesse caso o sujeito está bem consciente do porquê se considera guasqueiro, ao trabalhar apenas com couro-cru. Esse fato é importante para entendermos que na guasquería, para seus produtores, a matéria-prima é fator de determinação. Como também, a técnica de produção.

A forma e os objetos produzidos são elementos importantes para J.S (2016) na indagação sobre ser guasqueiro e/ou artesão “porque vejo os que se consideram artesão e fazem uns trabalhos tão assim, então por que não posso ser também se eu faço esse trabalho tão rico” (J.S, 2016), referido ao material exposto em seu ateliê. Acredita em seu trabalho como guasqueiro, e identifica esse ofício como artesanal “isso é artesanato, não é como uma fábrica que sempre vai sair certo, é artesanato comum nem sempre vai sair perfeito” (J.S, 2016). Em suas observações, pode-se notar que não ocorreu nenhuma distinção entre ser artesão ou ser guasqueiro. Ele se auto reconhece como um guasqueiro que produz artesanato, algo irregular, com manchas, com marcas e singular. Nessa imperfeição o artesanal se difere do industrial. E o ser guasqueiro ou/e artesão está presente na guasquería, que comporta as duas formas de categorização.

4. CONCLUSÕES

Essas informações obtidas através de entrevista semiestruturada, nos permite tecer algumas conjecturas a serem seguidas ao longo da pesquisa. Primeiramente, a guasquería tem sua origem ligada ao homem do campo, ao trabalho nas fazendas de gado, principalmente pelo fator de desenvolvimento da

produção e comercialização do couro bovino cru. Sendo que, os indígenas já utilizavam e transformavam essa matéria prima para criar objetos de uso cotidiano. Logo, os peões de fazenda (importante rememoramos que os guasqueiros desta pesquisa mencionaram serem filhos de peões ou terem sido desta profissão em algum período de sua vida. E por esse motivo aprenderam a técnica de guasquería, para consertar ou produzirem seu material de trabalho) começam a produzirem seu equipamento de montaria, já que o custo dessas peças é elevado. Por fim, podemos perceber a ligação da guasquería a um ofício específico, o peão de estância. Como também, o valor de tradição, na transmissão de um saber-fazer de pai para filho, em seguir as bases de uma técnica, é a aperfeiçoar com o tempo, no caráter de repetir alguns gestos e padrões (na estrutura já mencionada de carnear, estaquear, secar, lonquear, sovar, cortar as guascas, tirar tento e trançar). Nesta repetição, temos a identidade do sujeito guasqueiro, que está sempre em um processo de auto reconhecimento e reinterpretação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, Fabiano da Costa. **Valorização dos Aspectos Formais dos Artefatos Confeccionados por Guasqueiros do Pampa Gaúcho Aplicados a Joalheria.** Santa Maria: UFSM, 2014.

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins fontes, 2005.

FLORES, Luis Alberto. **El Guasquero: Trenzados Criollos.** Buenos Aires: Cesarini Hermanos, 1960

GARCÍA, Rocío. **De la yerra a la Vitrina: Transformaciones contemporáneas de la guasquería.** Montevideo: Trama Revista de Cultura y Patrimonio. ano 1, nº 1, setembro 2009.

GEERTZ, Clifford. **Nova Luz sobre a Antropologia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

MACDOUGALL, David. The visual in Anthropology. In. **The corporeal image. Film, ethnography and the senses.** Princeton, New Jersey, Princeton University Press, 2006.

MILLS, Charles W. **Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PASSERON, Jean-Claude. 1991. **Le Rai sonnement Sociologique.** L'espace Non-Popperien du Raisonnement Naturel. Paris: Nathan

ROTMAN, Mónica. Lasmúltiples y ComplejasArticulaciones entre los Campos del Patrimonio y de lasArtesanías. In: **Diversidade Cultural y Estado: Escenários y desafios de hoy.** Argentina: Primer Encuentro Nacional de Patrimonio Vivo, 2015.

TASSO, Alberto. **Teleras y sogueros.** La artesanía tradicional de Santiago del Estero entre la cultura, la historia y el mercado. Buenos Aires: V Congreso Nacional de Estudios del Trabajo, 2001.